



QUAL

ENTREVISTA E CONVERSA COM
ALFREDO COSPITO DESDE A PRISÃO

INTERNACIONAL?

título original: *quale internazionale?*
- *intervista e dialogo con alfredo cospito*
dal carcere di ferrara.

traduzido para o português por
edições insurrectas.
outono de 2023.

disponível para download em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

**INCITAMOS À PIRATARIA,
ODIAMOS A PROPRIEDADE!**



QUAL INTERNACIONAL? ENTREVISTA E CONVERSA COM ALFREDO COSPITO DESDE A PRISÃO

O seguinte texto é composto por uma entrevista-conversa realizada por vários companheirxs com o anarquista Alfredo Cospito desde a prisão italiana de Ferrara. Foi publicada originalmente em italiano em três partes na revista anárquica *Vetriolo* nos anos de 2018, 2019 e 2020. Tempos depois da divulgação da entrevista, o Estado italiano lança mão da operação policial denominada *Sibilla*, sob a acusação de que Cospito e outro companheiro, condenado à prisão domiciliar, promoviam uma associação terrorista e a incitação à delinquência na revista, em especial nesta entrevista.

Enquanto traduzimos este material para o português, Cospito segue em greve de fome desde 20 de outubro de 2022, ou seja, há mais de 170 dias, contra o regime de isolamento carcerário 41bis, com o qual o Estado busca enterrá-lo em uma caixa de concreto e aço. Se os assassinos fardados e de toga buscam silenciá-lo, ecoaremos suas palavras para além dos muros da prisão. Assim, com esta publicação, num pequeno gesto de solidariedade insurrecta, negamos as imagens midiáticas e sensacionalistas (tanto as que buscam atacá-lo quando as que o martirizam), pois elas esvaziam a existência de toda e qualquer pessoa. Contra idealizações, ressaltamos que nosso companheiro é de carne e osso; seu pensamento é vivo e pulsa, ainda que tentem aniquilá-lo.

*com fúria,
edições insurrectas.
mata atlântica, outono de 2023.*

A SOLIDARIEDADE ENTRE
ANARQUISTAS É MAIS
DO QUE PALAVRA ESCRITA!

- O internacionalismo sempre foi o princípio que inspirou a ação e o horizonte dxs exploradxs que não aceitam o papel que a sociedade xs colocou. Sempre foi um excelente remédio contra o oportunismo de todo tipo, uma garantia de que quem o pratica não é vendido ao seu patrão, mas sim umx verdadeirx inimigx de toda exploração e autoridade. O internacionalismo como tensão, como espírito, não muda com o passar do tempo. No entanto, a forma como isso se manifesta na história muda. Reformistas, oportunistas e autoritários sempre tentaram perverter o internacionalismo para seus próprios interesses comerciais. A alavanca para elevar os problemas a nível mundial é, portanto, a Internacional. Como e o que deve ser a internacional hoje? Deve ser uma verdadeira “organização”, uma federação de grupos ou um “partido mundial”? Pode haver ferramentas ou “estruturas” mais próximas da ideia anarquista e mais eficazes neste período histórico?

ALFREDO COSPITO: O anarquismo, assim como o socialismo “científico”, surgiu para se opor a um processo global, o capitalismo e o aparecimento da burguesia. É mais do que natural que xs anarquistas e marxistas desde o início tenham buscado uma organização de alcance internacional com objetivos diferentes. No século XIX, a anarquia abandonou, com Bakunin, o plano filosófico e idealista para dar os primeiros passos no mundo real. Primeiro contra o liberalismo messiânico de Mazzini e depois colidindo com o socialismo estatista de Marx, dando origem à corrente federalista autonomista dentro da Primeira Internacional. Esses primeiros passos do anarquismo foram dados graças a duas organizações internacionais que hoje poderíamos chamar de “clan-

destinas”, que atuaram nas sombras dentro do “movimento real” dxs trabalhadorxs e dxs proletárixs: a *Aliança Internacional da Democracia Socialista*, que existiu de 1868 a 1872, e a *Aliança Internacional de Socialistas Revolucionários*, que operou depois de 1872. Por mais paradoxal que pareça, continuo acreditando na tentativa de criar organizações internacionais “clandestinas” atuando a partir dos movimentos de massas. A concepção “científica” de Marx não podia tolerar, por considerar isso uma ingenuidade, a tendência de forçar a conspiração no crepúsculo do século XVIII. Um pouco como hoje, a grande maioria do movimento anarquista não entende a conspiração contra o Estado e suas leis. Engels foi o primeiro a ver na “clandestinidade”, em dois níveis, a tentativa de hegemonizar a Internacional.

Com o tempo, xs anarquistas fizeram inúmeras tentativas de se organizar internacionalmente: Sant-Imier em 1872, Amsterdã em 1907, Berlim em 1921, Paris em 1949, Londres em 1958, Carrara em 1968 com a criação da IFA... a perspectiva de conspiração esmaeceu até quase desaparecer. Esse *quase* foi constituído nas últimas décadas, sobretudo pelos esforços das Federações Juvenis Anarquistas, no início da década de 1960, para se solidarizar com a Espanha, sob o nome de “Primeiro de Maio”, por meio da ação destrutiva e da luta armada. Da época de Franco, passando pelo renascimento da perspectiva insurrecional enriquecida pelo ressurgimento de “grupos de afinidade” e planificação informal até chegarmos hoje com o nascimento da *Federação Anarquista Informal – Frente Revolucionária Internacional* e com todas aquelas ações espalhadas pelo mundo que, conversando entre si por meio de demandas, materializaram uma espécie de *Internacional Negra*.

Antes de responder à sua pergunta sobre como deve ser a *Internacional* hoje e como deve ser estruturada, vamos tentar esclarecer contra o que devemos travar essa batalha internacional. Detenhamo-nos por um momento no conceito de capitalismo.

Quando falamos de capitalismo não podemos deixar de falar de tecnologia e ciência. Até o final do século XVI, ciência e tecnologia eram campos separados, então uma osmose crescente foi criada entre os dois até o início do capitalismo mais avançado, quando, no século XIX, a ciência e a tecnologia tornaram-se indissociáveis. Algumas pessoas argumentam (acho que com razão) que o capitalismo é essencialmente o produto da união entre ciência e tecnologia, ou melhor, a submissão da ciência à tecnologia.

Quando falamos de imperialismo hoje, estamos falando de uma revolução científico-tecnológica. E essa “revolução” leva ao aumento dxs exploradxs, à diminuição das burguesias, ao aumento dxs despossuídxs. Cada vez menos pessoas possuem o conhecimento e, portanto, as riquezas do nosso planeta; este “novo” imperialismo está aumentando enormemente o fosso entre incluídxs e excluídxs. Uma pequena parcela da humanidade, a serviço dos Estados e do capitalismo, é responsável por essa situação. Os Estados e o capital criaram as premissas que podem levar ao aparecimento de um novo mundo que vai solapar a humanidade como a conhecemos hoje, aniquilando toda a vida no planeta. Cientistas, matemáticxs, biólogxs, cientistas da computação, químícxs, pesquisadorxs de todos os ramos da ciência e tecnocratas – toda a aristocracia do conhecimento humano –, sem os grandes investimentos e recursos com os quais só o capitalismo e os Estados exploram a maioria da população do planeta, não podem dar-lhes

nada, muito menos algo completo. A “revolução” que já está em curso há algum tempo e que, se chegar ao seu “bom” fim, levará a uma transformação tão radical de nossa natureza que, de fato, caso não seja interrompida, equivalerá a extinção da espécie humana pelo menos como a conhecemos hoje e a mudança certamente não será para melhor. A *luta de classes* continua a ser o motor de tudo, o nosso maior recurso, mas apenas quando se confronta o Estado e o capital. Somente o capitalismo e os Estados modernos podem alimentar adequadamente o processo tecnológico para nos guiar rumo ao abismo.

Acredito que esta *Internacional* deve lutar contra os Estados e o capital e alimentar o ódio de classe, o ódio dxs excluídxs, dxs pobres, do proletariado direcionando suas energias contra os grupos de pressão, militares, industriais, ricos, tecnocratas, políticos, estadistas, técnicos e cientistas. Contra todxs xs incluídxs, aquelxs que possuem o conhecimento e o capital e, portanto, o poder. A tecnologia não está mais a serviço do capital, mas cada vez mais o capital está a serviço da tecnologia e é nessa direção que estamos indo. A lógica que nos comanda é cada vez menos simples, mas a lógica científica é ainda mais implacável. Uma vez que uma descoberta científica é feita, é impossível voltar atrás, mesmo que a inovação tecnológica resultante leve à autodestruição. Nós temos visto isso com armas nucleares e veremos também com a inteligência artificial, algo muito mais devastador e incontrollável, procederemos automaticamente sem possibilidade de retorno. “Estamos condenadxs a tudo o que foi inventado de uma vez por todas.” Estamos condenadxs a dar o próximo passo até o embate final. Como o personagem de La Haine que cai no vazio e diz para

si mesmo: “até agora tudo vai bem, até agora tudo vai bem...”. Não sei se o internacionalismo nos salvará desta queda no vazio, se, como você diz, esta será a alavanca que nos permitirá erguer o mundo e subvertê-lo. Mas uma coisa é certa: para se opor decisivamente a esse novo imperialismo, o colapso do sistema deve ser global. As guerras de posição levam à derrota tanto quanto os anarquistas que esperam o amadurecimento dos contextos para começar a atuar, que já perderam desde o início.

É aqui que entra em jogo a visão anarquista da ação. Muito mais que um esporte revolucionário, uma preparação fácil de encontrar quando o sistema entrar em colapso. É na ação que quem é anarquista percebe que existe como tal. É nos gestos individuais de destruição, surtos de revolta e insubordinação quando anarquistas vivem sua anarquia imediatamente, hoje, quebrando a espera. A relação teoria-prática se soma a essa concepção viva e *niilista* de ser anarquista. Para ser eficaz, a teoria deve nascer da prática e não o contrário. Só atingindo o sistema com armas poderemos construir a ação que nos dotará daquelas ferramentas *organizacionais e informais* que nos permitirão contribuir fortemente para a Internacional enquanto um instrumento que tanto precisamos para afetar efetivamente a realidade de nós que nos entendemos como anarquistas. Nós, anarquistas internacionalistas, temos isso em nosso sangue; a nossa visão contra os Estados, as fronteiras, a nossa rejeição de qualquer nacionalismo, nos leva pela mão a esta perspectiva, precisamos apenas especificar a resposta a esta necessidade.

Esse diálogo entre anarquistas e o mundo sempre existiu, sempre fomos influenciadxs por uma parte do globo. Muitas foram

as tentativas de dar evidência, uma estrutura mínima a essa visão internacional do movimento. Mas a teoria de cima ignora a prática e a reduz ao mínimo, à burocratização, ao gradualismo (uma espécie de reformismo impotente). Penalizaram essas intenções, ainda que generosas, reduzindo-as (muitas vezes demais nos últimos 40 anos) a um testemunho estéril de um passado glorioso. Hoje o planejamento *informal* (baseado na comunicação sem intermediários através de demandas de ações destrutivas convocadas por grupos solitários e de afinidade espalhados pelo mundo) nos oferece a possibilidade de relançar concretamente uma *Internacional* realmente perigosa para o sistema, que poderia desencadear uma imparável reação em cadeia.

Claro, estamos falando de minorias, mas por que descartar a priori que, como costuma acontecer na natureza, um vírus imperceptível injetado talvez por uma picada insignificante de um pequeno mosquito pode matar um poderoso elefante? É uma possibilidade que seria uma estupidez desconsiderar; imagine se anarquistas de ação, apesar das diferenças, que são tantas, conseguissem unir forças, resguardando sua autonomia, suas diferenças. Depois de tudo, a nossa é a única alternativa ao capitalismo que não foi traída. Talvez porque sempre “falhamos”. Mais de uma vez na história aconteceu que quando se materializam focos de anarquia, mas sempre por curtos períodos, preferimos sucumbir do que aceitar uma ditadura “revolucionária”. Esses nossos fracassos nos deixaram com a força utópica e primitiva de nossa ideia. É em nossa tendência para isso que nossa ação se torna realidade, matéria viva, ação, planejamento, prática – teórica.

Se nos concentrarmos nas forças que nos impulsionam para o âmbito internacional, veremos que todas as tentativas concretas de internacionalização das lutas são movidas pela *solidariedade*, seja por um povo em luta, pelxs migrantes, pelxs irmãxs atingidxs pela repressão... *Solidariedade* é o impulso inicial, o Deus da máquina de cada luta que tem a ambição de se envolver, porque vem de uma importante necessidade interna de cada pessoa de apoio mútuo.

Você me pergunta o que deveria ser a Internacional e quais são as ferramentas, as estruturas mais anárquicas e eficazes com as quais essa profunda necessidade de internacionalismo pode ser expressa. É um assunto polêmico, os pontos de vista podem ser muitos.

Na história do nosso movimento, organizações específicas, federações, até mesmo partidos – lembremos a União Anarquista Italiana (IAU), que foi definida por Malatesta como um partido anarquista –, todos foram testados internacionalmente com conquistas mistas e fracassos comuns. Longe de mim fazer julgamentos “morais”, sobre qual forma organizacional adotar ou não. Se não nos envolvemos em discursos jesuítas sobre o que é anarquista ou não, fazendo excomunhões a torto e a direito, passei a vida fazendo isso e só hoje percebi que é uma enorme perda de tempo e energia.

O que posso tentar responder é sobre a “estrutura” ou “ferramenta” mais eficaz para se colocar em prática em uma Internacional anarquista forte, agressiva e perigosa. Que faça o poder sangrar, ferindo-o, tornando a guerra efetiva. Serei explícito e breve: para mim essa *Internacional* já tem sua forma, sua dinâmica. Com

os seus altos e baixos, de pequena ou grande dimensão, é constituída por todo o planeta que, através de reivindicações, mesmo sem siglas, falam entre si para dar apoio e solidariedade, indicando campanhas de luta pelo mundo.

É aparentemente pequena, mas contém em si uma grande esperança, uma possibilidade real de que, após o fracasso do determinismo do marxismo científico, possa devolver a esperança aos oprimidos da terra, trazer nova vida a uma anarquia que ameaça desaparecer em um pós-gradualismo. Um anarquista que vira as costas à aparência de “realismo” ligado à política do troco, do reformismo e não adie a revolução para um futuro distante, mas a vive de imediato, com violência, sem compromissos, poderá escapar deste grande beco-sem-saída.

Em minhas contribuições e escritos da prisão, sei que sou repetitivo. Não é originalidade a todo custo o que eu procuro, mas as poucas ideias que tenho vou repetir até enjoar, esperando que sejam discutidas. Acredito firmemente que o nó deve ser desfeito para se tornar mais incisivo e causar o maior dano a esse sistema hipertecnológico que se baseia em duas muletas, o capitalismo e os Estados, e o de como “nos organizar” sem nos trair, sem renunciar a qualquer liberdade individual. Minha adesão ao projeto *FAI-FRI* diz muito sobre qual é, na minha perspectiva, o caminho a seguir e o que deve ser essa *Internacional*. Falaremos disso mais adiante, é um discurso ao mesmo tempo simples e complexo que, como todas as coisas vitais, além de “unir”, divide o movimento, criando tensões, desentendimentos e, não menos importante, repressão. E ainda estamos apenas no começo...

- Os meios de comunicação anunciam, com muita pompa, a chegada dos robôs. Vemos, no entanto, o papel que a ciência desempenha no mundo da exploração, que já está explícito há anos. Como deter este monstro, agora que ameaça alterar para sempre a vida deste planeta? Que perspectiva deve inspirar a ação internacional em relação aos cientistas? A ação direta individual pode ser acompanhada por explosões em massa, como no passado foi o movimento luddita (por exemplo, pessoas que entendiam que os robôs tiravam seus empregos ou pioravam seus ritmos de escravidão)? E como você vê os movimentos “históricos” como a Frente por Liberação da Terra, a Frente por Liberação Animal e afins?

A.C.: É verdade, a mídia anuncia a chegada dos robôs com muita pompa. E quando associam quase sempre este fenômeno ao perigo do desemprego, alguns meios mais imaginativos vão mais longe ao ver no surgimento dos robôs a superação do humano, uma ditadura das máquinas contra a qual se opõe um humanitarismo genérico. Durante décadas fomos bombardeados com o perigo de uma catástrofe ecológica iminente que sugere, na melhor das hipóteses, tecnologia verde e sustentável e, na pior das hipóteses (para os ambientalistas mais “radicais”), a esperança de um colapso espontâneo do sistema. Por que a mídia faz isso? Fornecem-nos uma enorme quantidade de informação que nos leva a soluções fictícias, um “humanismo genérico” que funciona como contrapartida de um conceito igualmente genérico, o de “pessoas”, sugerindo uma suposta inevitabilidade da catástrofe de que só o “destino”, um meteorito, uma guerra nuclear, a chegada dos homens verdes, poderia impedir.

Dessa forma, minam nossa vontade, convencendo-nos de que o possível é impossível. Isso nos deixa apenas duas “alternativas”, a falsa esperança numa tecnologia equiparável ao que seria humano ou a renúncia ao inevitável na falsa esperança de que um “deus” ou um “destino” podem nos salvar do pesadelo. Qual é o oposto de toda essa besteira? A plena consciência de nossa força, a plena consciência de quem é responsável pela exploração, pelas guerras, pela catástrofe. Apenas uma classe está no controle da sociedade hipertecnológica, apenas uma classe usufrui de seus benefícios. Para a outra classe só resta lixo, migalhas e exploração.

Os robôs não são nossos inimigos, mas quem os projeta, ou seja, o capitalismo e os Estados que financiam esses projetos, homens e mulheres de carne e osso. Estou ciente que é arrombar uma porta aberta dizer que é uma contradição em termos uma “sociedade liberada” se beneficiar da hipertecnologia. Devemos ter a coragem de renunciar ao “progresso”, devemos ter a coragem pôr as armas em nossas mãos e arriscar nossas vidas para deter este processo autodestrutivo que não é de forma alguma inevitável.

Somente a exploração sistemática de bilhões de mulheres e homens pode sustentar a modernidade, não há uma “utopia” comunista de Estado que se mantenha. Isso, pelo menos até que as rédeas estejam em nossas mãos, humanxs imperfeitxs – uma vez que a classe dominante é obrigada a delegar o comando (de uma “megamáquina” já muito complexa de manusear) a uma “superinteligência” –, um “virtual bem-estar” nos espera, um “bem-estar infernal” sem nenhuma liberdade, que não desejo nem para a pessoa que considero minha pior inimiga.

Mas sejamos explícitxs sobre o que estamos falando: no que diz respeito à *ficção científica* e no fato de que as coisas podem ficar nebulosas, estamos falando de uma “revolução” que, se não for interrompida, afetará a vida em todo o planeta. Se o capitalismo é o filho alienado da supremacia da tecnologia sobre a ciência, podemos facilmente deduzir que o produto dessa relação é a “mega máquina” na qual todxs vivemos imersxs. O próximo passo é a consciência de que esta “mega máquina” se concretizará através da Inteligência Artificial (IA). Caminhamos, passo a passo, para o aumento dos investimentos em IA pelo planeta, neste momento eles são significativos e se multiplicam ano a ano.

Em 2016, a Europa investiu 3,2 bilhões de euros e mais 20 bilhões são esperados para 2020. Os Estados Unidos já investiram 18 bilhões e planejam investir mais 37 em 2020. Para o estudo de algoritmos capazes de aprender com seus erros foram gastos 12 bilhões de euros em diferentes partes do planeta. Está em estágio avançado a criação de computadores neuromórficos que, em vez de realizar cálculos baseados em códigos binários (on-off), utilizam processadores que trocam sinais assim como nossos neurônios. Com isso, alcançam velocidades infinitamente maiores e dimensões cada vez menores, bem como métodos de operação cada vez mais “próximos” de nossas mentes.

Os efeitos no mercado, embora parciais, já são visíveis: – máquinas automáticas – medicina (análise de prontuários, raios-X, doenças, vírus) – robótica (todos os sistemas que manuseiam robôs) – automação industrial – análise e administração de sistemas complexos (como a viabilidade de uma metrópole), sistemas de gestão automática, análise e previsão de tendências das Bolsas

de Valores, análises e previsões meteorológicas e agrícolas, análise de vídeos, textos e imagens publicados online, gestão logística...

Hoje, para administrar essa “revolução”, apenas um número limitado de cientistas, técnicos superespecializados em pouquíssimos centros ao redor do mundo, têm participado. Todas essas pessoas envolvidas estão ao alcance de uma *Internacional* anarquista combativa, embora de força limitada.

Nossas melhores armas? Vontade e determinação, essas duas qualidades seriam suficientes para recuperá-las, desacelerar esse “progresso” tecnológico que querem que criemos sem parar. Ainda temos tempo à nossa disposição e espaço para agir, especialmente porque o “sistema” ainda não está plenamente consciente do ponto de virada que está prestes a ocorrer e os investimentos, embora sejam enormes, estão apenas começando. É muito provável que as burocracias governamentais, as agências de inteligência, tenham uma certa inaptidão, uma rigidez que as impede de entender completamente a importância de alguns desenvolvimentos que, para nós, externos a essa lógica e a certas especialidades, pode ser claro. Dizemos que estar fora e contra o sistema pode nos permitir ter uma ampla visão geral, uma maior flexibilidade mental. Os obstáculos para entender essa “revolução” tecnológica de um ponto de inflexão podem ser particularmente forte para governos, Estados e capitalistas.

Mas em que consiste esse avanço, essa “revolução” tecnológica? A revolução agrícola se espalhou por todo o mundo em milhares de anos, a revolução industrial por centenas, a revolução da informação em algumas décadas e terá seu ponto máximo, seu *ponto*

sem retorno, o que técnicos e os cientistas chamam de “explosão de inteligência”. O *Projeto Cérebro Humano*, criado em 2005, espera recriar um cérebro humano dentro de 20 anos. A partir daí, se ativar a chamada “explosão”, a transição da inteligência humana para uma super-inteligência (suprahumana). Cientistas argumentam que, uma vez alcançadas as habilidades intelectuais humanas em um tempo muito curto (até meses), a explosão da inteligência começará, o que consistirá em um crescimento exponencial e descontrolado das capacidades inteligíveis da Inteligência Artificial. Nesse momento, o risco de perder as rédeas de nosso destino será muito alto. Para a felicidade de transhumanistas, a espécie *homo sapiens* se tornará outra coisa, algo sombrio, um aborto da natureza, um câncer para este planeta, mais do que já somos.

Felizmente, para nós, cientistas em geral, por sua natureza, são “otimistas” demais ao longo do tempo e “fantasiosos” em perspectivas. Podemos atentar à nossa capacidade de neutralizar, se não revertermos esse processo. Depende de nós, de nossa lucidez, das forças e armas que colocamos em jogo. Eu acho que o importante é não ficar preso no catastrofismo, pois isso não nos fortalece, mas nos leva à renúncia do inevitável. Para se ter uma ideia mais precisa do salto tecnológico que a *modernidade* nos promete através da superinteligência, tentemos ler um par de definições fornecidas por técnicos: “qualquer intelecto que supere, de maneira crescente, o rendimento cognitivo dos seres humanos em quase todos os domínios de interesse”, uma máquina ultra-inteligente é “uma máquina que pode superar todas as atividades intelectuais de qualquer ser humano, por mais inteligente que seja”.

De acordo com as pessoas que trabalham na área, a *superinteligência* será a Panaceia para todos os males, a lâmpada do Aladim que resolverá todos os nossos problemas energéticos, de contaminação, econômicos, encontrará a cura para todas as doenças; até talvez nos prometa a imortalidade. Mas os mesmos grupos de cientistas e técnicos que estão delirando sobre esses avanços futuros (que, é claro, inevitavelmente beneficiarão apenas a classe dominante) estão aterrorizados e o consideram um advento extremamente perigoso ao ponto de compará-lo com os perigos da era atômica, de uma guerra nuclear. Cientistas e técnicos, que ainda estão muito longe de alcançá-lo, estudam as possíveis armadilhas da realidade virtual para contê-la, enganá-la, enjaulá-la uma vez alcançada. Medo e esperanças, a lei da ciência nos condena a *progredir*, a avançar às custas de nossa sobrevivência como espécie. Mas qual a pior condenação para um escravo do que uma amortização que prolonga a agonia de uma vida sem liberdade?

Nós anarquistas sempre fomos sensíveis a esses *problemas* porque, nos últimos anos, nada mais desafiou as nossas liberdades do que a *modernidade*, a tecnologia. Ao longo dos anos, certamente nos limitamos à análise sociológica da técnica e da tecnologia. A parte de nós mais inclinada para a ação, os anarquistas que colocaram em prática a ação direta destrutiva por meio de grupos de informalidade e afinidade, implantaram um arsenal teórico e prático nos pontos sensíveis e periféricos para atingir fibras ópticas, cabos elétricos, torres... A linha de tendência foi a de que, do centro do sistema, era necessário vazar para as periferias onde os controles são mais baixos, onde as linhas vitais poderiam causar danos consideráveis quando interrompidas com base em ações

reproduzíveis (fogo, alicate...). Ultimamente se tem dito muito sobre a interrupção do fluxo de mercadorias. Hoje, essa tendência que prevalece entre insurrectxs (em minha opinião) tem seu nascimento na oposição do anarquismo de ação à “luta” das Brigadas Vermelhas no final dos anos 70, quando a “palavra de ordem” dxs anarquistas se tornou a de que o Estado não tinha um coração, um centro. Isso ocorreu quando as Brigadas Vermelhas apoiaram a necessidade de atingir o “coração do Estado” nas figuras de seus homens mais significativos.

Muitas décadas se passaram, tudo mudou, mas essa “fórmula”, que tinha um forte significado naquele tempo, se tornou um “mantra”, um “dogma” perpetuado, perdendo cada vez mais sentido e se tornando mais uma presunção torpeza, de intransigência, justificação de medos nunca expressados. Essa metodologia, pelo menos em relação ao país em que vivo, foi reduzida a uma negativa (nunca admitida, mas realizada) para afetar as pessoas, diretamente os autores da iniquidade do sistema. Para muitxs anarquistas, há apenas *sabotagem* e ação destrutiva (atinja e destrua as coisas). A exclusividade dessa prática é generalizada, mesmo no ambiente “ecológico”, com poucas exceções, mas significativas, Ted Kaczynski (N.T.: conhecido como *Unabomber*), por exemplo.

Essa propensão a excluir ações violentas contra as pessoas também está presente (com exceções ocasionais) na *Frente de Liberação Animal* e na *Frente de Liberação da Terra*, “organizações” que, por outros motivos, são um exemplo importante (e concreto) de como podemos “organizar” de maneira desconstruída. Como dizem certxs companheirxs: “A organização que não deseja organização”. Sem dúvida, na minha opinião, sua influência na prática da

FAI-FRI é o fato de só pensar em sua comunicação por meio de ações e suas campanhas internacionais.

Espero que tenhamos a oportunidade de falar sobre isso com mais detalhes mais tarde... Aqui na Itália, no campo anarquista, nos últimos anos, apenas algumas ações da *FAI* se opuseram. Os *pacotes-bombas*, muito criticados, uma prática antiga que, assim, posso dizer, faz parte da “tradição” anarquista. Basta pensar nxs chamandxs *galeanistas* na América ou nas explosões feitas por anarquista que haviam escapado para a França durante o fascismo, destinadas aos principais jornais italianos, apenas para citar alguns. Como eu disse no passado, a distorção da história, o expurgo de fatos desconfortáveis não é uma prática exclusivamente stalinista. Mesmo nós, anarquistas, o praticamos ao nosso modo, muitas vezes inconscientemente. Vocês me falam sobre do *luddismo*, dxs anarquista, e nesses movimentos não há apenas a prática exclusiva de *sabotagem*, com isso se apaga uma parte da história que não é facilmente digerível devido a uma certa visão das ações. Houve também assassinato realizado por grupos *luddistas*, eles não se limitaram à destruição dos teares. Em 1812, William Horsfall, proprietário de uma fábrica têxtil, foi morto a tiros em uma emboscada alguns dias depois de prometer aos trabalhadorxs que ele sufocaria qualquer tipo de revolta e que o sangue *luddita* chegaria à sua cadeira. Foi ele quem sucumbiu, foi o sangue dele que escorreu. Três *ludditas* foram enforcadxs por esse gesto de revolta. Não foi um caso isolado, quando lemos as exaltações corretas ao *luddismo*, quase nunca ouvimos falar desse tipo de ação. Por quê? Talvez a *sabotagem* seja mais subversiva, mais perigosa para o sistema do que a eliminação física de um amo? Certamente

hoje isso envolve uma maior reação do sistema, uma maior repressão. Mas o “medo” nunca é um bom conselheiro, nos faz perder a racionalidade, o senso da realidade. Talvez seja devido ao sentimento de perda da realidade, às infinitas disquisições “sociológicas” que muitxs anarquistas fazem do termo “terrorismo” e como essa palavra pode “nos isolar” e ser unicamente produto do poder.

O terrorismo é uma prática que xs anarquistas (como quase todos os movimentos revolucionários e populares) sempre usaram. Eu nunca vou me cansar de dizer isso, por mais inadequado e persistente que isso possa ser, pois acredito que a honestidade e a coerência intelectual estão intimamente relacionadas e, para ser acreditável e, portanto, eficaz na prática, é preciso ser honestx consigo mesmxx e com as outras pessoas, e não pensar de acordo com a conveniência imediata, mas com razão em perspectiva. O terrorismo é entendido como uma prática que propaga o terror na classe dominante, como fez Émile Henry, assim como fizeram xs argelinxs ao atingir bares franceses (existem exemplos infinitos). Por mais questionável que pode ser no âmbito *moral*, nunca foi segredo para ninguém e a história diz que o terrorismo de baixo para cima tem todas as justificativas do mundo. Sinto muito se saí do assunto, mas algumas coisas, ainda que incomodas, precisam ser ditas. Vamos para a próxima pergunta...

- Analisando a história do movimento dxs exploradxs, dxs pobres, oprimidxs e proletárixs, vemos que as ideias anarquistas nascem, se nutrem e se desenvolvem nesses contextos. Por outro lado,

a maioria dxs anarquistas também vem daí (é óbvio, também existem exceções). Essas ideias surgem principalmente durante o nascimento e o crescimento do capitalismo industrial (indicativamente, do início de 1800 a 1970) e até 40 anos atrás, as organizações dxs exploradxs e dxs trabalhadorxs eram principalmente de massa. Os grupos anarquistas (e pessoas que fazem parte deles) também são frutos desta era histórica. Com o advento da reestruturação capitalista na década de 1980, seguida de uma mudança drástica no mundo do trabalho, até a ação e a organização anarquistas passam por mudanças. Estruturas menos rígidas, com base na afinidade e informalidade, se opõem às organizações de síntese clássica (ou massa). A nova reestruturação tecnológica, principalmente com base na robótica, obviamente levará a outras mudanças drásticas (desemprego em massa) e xs novxs proletarixs provavelmente serão empregadxs no transporte de mercadorias.

Nesse contexto, no qual o empobrecimento dxs proletárixs (e obviamente a exploração de animais humanxs, não-humanxs e da terra) e a riqueza dxs exploradores aumentarão, ainda faz sentido falar sobre luta de classe? Ainda existem margens que delimitam, na luta pela destruição dessa civilização tecno-industrial, xs exploradxs, xs proletárixs, xs excluídxs? Deveríamos provar ou renovar outras formas de lutar?

A.C.: Esta questão é baseada em suposições lógicas, fazendo com que o método organizacional dependa de condições externas. Mas, para nós anarquistas, nem tudo é tão simples, linear e lógico, pois ao não sermos *políticxs*, no nosso caso, os meios justificam os

fins e não o contrário. Consequentemente, se o capitalismo se “reestrutura”, isso não deve mudar nossa maneira de nos “organizar” porque é nos *meios* onde nossa anarquia vive.

Nossa força é que a prática anarquista dos grupos de informalidade e afinidade nunca esteve tão próxima da realidade como é hoje. Paradoxalmente, não fomos nós que nos adaptamos à realidade, foi realidade que nos adaptou. A realidade correu em nossa direção, fazendo nossas práticas extremamente eficazes. Elas acabaram se tornando o ideal para atrapalhar um sistema complexo e caótico, como este no qual somos obrigadxs a sobreviver hoje. Apenas uma prática simples, extremamente reproduzível e igualmente caótica, elusiva e adaptável, como são os grupos de informalidade e afinidade, pode fazê-la. Essas maneiras de “organizar” não são uma adaptação à “reestruturação capitalista” dos anos 80: desde a época de Cafiero e sua *propaganda pelo fato* sempre estiveram na base da ação anarquista, suficientes até para caracterizar nossas organizações de síntese. Dentro de cada organização anarquista de síntese que foi posicionada de uma maneira revolucionária, havia, de fato, grupos de afinidade que agiam informalmente e geralmente indicavam a maneira de seguir e reviver a ação.

Também é absurdo pensar que a luta de classe terminou. Estamos imersxs nela até o pescoço, mas, diferentemente de ontem, a barbarização causada pelo isolamento tecnológico (que cada umx de nós carrega consigo) nos priva de uma percepção real do fenômeno em sua complexidade. Essa barbarização implica um retorno às formas primordiais, selvagens (e, portanto, “mais puras”) de conflito de classes. Figuras da mediação como *sindicatos* e *partidos* são omitidas. Na parte do mundo mais “avançada”

tecnologicamente falando, a categoria social que já caracterizou a classe oprimida, o *proletariado*, foi substituído por uma classe indefinida e desesperada que não está ciente de si mesma.

Enquanto isso, o ódio e a raiva acumularam, saturando o ar, tornando-o irrespirável e pronto para explodir na primeira faísca com a intensidade correta. O poder está bem ciente de que, apesar de ter menos cartas boas em mãos do que nós, ele as utiliza bem ao alimentar conflitos entre as pessoas pobres. Mas esses são apenas paliativos, apenas um pouco eficazes. Os sindicatos e os partidos de esquerda não funcionam mais. Seu papel foi ocupado por armas de distração em massa, como racismo e patriotismo. Mas quanto tempo isso vai durar? A estratégia de colocar pobres contra quem é ainda mais pobre é míope. O empobrecimento geral, devido à onda tecnológica e ao consequente desemprego, desativará racismos e patriotismos, mas apenas se usarmos bem nossas cartas. No tempo necessário para estabelecer e garantir todas as entradas na cidadania, o sistema estará exposto, quase desarmado, aos nossos ataques. Nesse momento, o ódio atingirá seu clímax e talvez seja o momento certo que, neste país infeliz, a raiva seja direcionada para as pessoas realmente responsáveis pela miséria: o Estado e os amos.

Além disso, a loucura popular da soberania está minando a democracia parlamentar desde suas bases. Esse tipo de “populismo” produz impulsos contrastantes e irracionais que são difíceis de manejar, mesmo para quem os ativa. Hoje, a possibilidade de nossa ação abrir uma lacuna se tornou real. Devemos ter ideias claras, convicção e tenacidade para mudar o ódio, para abrir os olhos dxs exploradxs. A vontade e a determinação podem voltar ao

relógio da história, fazendo-nos iniciar de novo de onde começamos a perder essas duas qualidades insubstituíveis. Um século atrás, ficamos impressionadxs com a força de um “comunismo” autoritário que nos envenenou com seus frutos, *social-democracia* e *ditadura do proletariado*, que, com sua brutalidade, acabou com o “mito” da revolução social, do “sol do futuro” e da anarquia como perspectivas concretas para a liberação total. Argumentamos em nossa *modernidade* que não precisávamos de “mitos”, mas matamos a utopia, a melhor arma que tivemos para subverter este mundo. Historicamente, focamos na racionalidade e na ciência, negligenciando os instintos de revolta, sentimentos e paixões subjacentes axs humanxs.

Perdemos de vista “a possibilidade de fazê-la” e isso nos enfiou tanto que não reconhecemos, por exemplo, a grandeza do gesto de um dxs nossxs, Mikhail Zhlobitsky, que se imolou com uma bomba na Sede do FSB de Arkhangelsk para vingar companheirxs torturadxs pela polícia russa. Esse jovem companheiro adquiriu hoje o valor fundador de uma anarquia vital, pronta para se jogar com tudo para liberar este mundo. As coisas estão mudando rapidamente, anarquistas estão acordando de sua letargia. Estamos testemunhando fenômenos que eram impensáveis até alguns anos atrás. Por exemplo: a extensão do comunismo anarquista em um país como Bangladesh, onde o principal papel da classe trabalhadora ainda é forte (a propósito, é prematuro falar sobre o fim da classe trabalhadora, já que grande parte do trabalho humano no hemisfério sul será mais barato que o dos robôs). Estamos testemunhando a passagem das falhas do comunismo de Estado às esperanças do comunismo anarquista. Uma parte impor-

tante de uma população inteira, a kurda, parece que ter adotado uma espécie de *socialismo libertário*, ambientalista e baseado no feminismo.

Mais perto da minha visão da prática anarquista, a tendência informal é “organizada” no mundo por meio de campanhas internacionais convocadas por grupos de afinidade, que golpeiam como um leopardo caótico e niilista. O ar está saturado de eletricidade, essa tensão se sente mesmo dentro desta cela. Convencidxs, como eu, que seguimos inexoravelmente para uma *tempestade perfeita*, não podemos ignorar nenhuma das hipóteses de luta. Muito menos podemos desistir da violência em todas as suas nuances e graduações. Somos relativamente poucxs, o tempo à nossa disposição é limitado, só temos que jogar bem nossas cartas e deixar de lado falsos moralismos e dúvidas. Se queremos ter ao menos uma possibilidade, devemos ser transportadorxs de uma visão mais aberta, não desperdiçar uma energia preciosa pisoteando nós mesmxs.

Vocês me perguntam se devemos experimentar ou renovar formas de lutar. Seria mais do que suficiente se todxs colocassem seu planejamento com convicção, tenacidade e coerência. Seja de uma perspectiva social ou antissocial, através da organização informal ou específica de síntese ou individualmente, no meu ponto vista, o único fator diferenciador para evitar ser um instrumento de reformistas é a violência insurrecional. Devemos começar imediatamente, agora, para praticá-la, cada umx de acordo com a intensidade necessária para o nosso próprio planejamento. Uma estratégia que não inclui confronto direto, armado com poder, destina-se à recuperação, ao fracasso e à derrota. Essa

recuperação tem muitos nomes e justificativas: “gradualismo”, “pós-anarquismo”, ultimamente Negri e Hardt produziram outro, teorizando um “reformismo antagônico”. As sirenes usuais que justificam nossos medos, que alimentam nossa renúncia, prestando um ótimo serviço ao poder. Para evitar qualquer forma de recuperação, seria suficiente agir como anarquistas. As atrocidades que clamam por vingança são infinitas; Devemos demonstrar com a ação que o rei está nu, que o mestre pode e deve sangrar. Acompanhadx ou sozinhx, ataque e mire bem. Se nosso discurso quiser se tornar *subversão social*, é necessário ser *reconhecível* e *creível*.

O *reconhecimento* pode ser obtido através de práticas arriscadas, claras e diretas de ações reivindicadas, com ou sem assinaturas. Ou dessas ações anônimas que são imediatamente reconhecidas pelos objetivos que atingem ou pelo *modus operandi* da própria ação. Igualmente claro e direto pode ser um bloco anarquista em uma manifestação que se enfrenta com as forças policiais, um quarteirão, uma barricada de fogo que leva a guerrilha à metrópole. Um *A-na-bola* pixado ao lado de um quartel em chamas fala tão claramente quanto uma reivindicação. Se nosso objetivo é o da *subversão social*, a comunicação com outrxs oprimidxs se torna uma prioridade e todxs entendem quem somos e o que queremos.

Nossas mídias, revistas, livros e sites não são suficientes. Eles têm um forte significado no aprofundamento, na melhoria de nossa visão da realidade, no fortalecimento da análise, no conhecimento e, portanto, no desenvolvimento de nossas práticas, mas não podem afetar a cortina do silêncio que o poder ergue na defesa da *democracia totalitária*. Um silêncio, o da democracia, feito de um ruído ensurdecedor de opiniões intermináveis que se anulam

entre si. Somente ações destrutivas conseguem quebrar essa conversa e, através delas, nossas palavras adquirem um valor real, conseguindo chegar com força e concretude. Televisão, jornais, rádios e sites são forçados a falar sobre isso, enviando nossa mensagem de modo alto e claro, mesmo para aqueles que nunca sonharam em questionar o existente. Estamos falando de fatos e palavras que atingem milhões de pessoas. Não é absurdo pensar que algumas dessas pessoas podem, assim, se tornar conscientes e nossas cúmplices. Isso seria suficiente para nos dar outra chance.

Credibilidade, por outro lado, é dada pela coerência entre pensamento e ação. Para aqueles que se aproximam de nós, nossa estranheza com líderes, hierarquias e sexismo de qualquer tipo deve ser explícita. Quem aborda nossas práticas deve saber, com certeza, que nunca negociaremos com o poder e que não deixaremos ninguém em paz diante da repressão. A *credibilidade* de também conquistar a coragem e a coerência que demonstramos individualmente quando as coisas ficam feias. Uma vez presos, com o risco de sermos isolados e esmagados pela repressão implacável, não nos daremos por vencidos. Mas, acima de tudo, consiste na confiança que ganhamos em campo. Quem quer que se una aos anarquistas deve ter certeza de que nunca trairemos a palavra dada e que nos custará os objetivos que definimos para nós mesmos ou sucumbiremos a ela.

Reconhecimento e credibilidade nos custarão lágrimas e sangue e só podem ser alcançados através da tenacidade desesperada. Quem enche a boca para dizer *Guerra Social* deve ser se organizar e se preparar para a guerra. Chegou a hora de reviver a *anarquia vingadora*, para ser assustadora novamente. Por mais difícil que pareça,

é necessário conseguir reunir a sugestão do “mito” com o reflexo do “planejamento”. Somente assim a *revolução* será uma possibilidade real para milhões de pessoas exploradas, perdendo sua conotação de “esperar por momentos maduros” que hoje a torna uma palavra vazia e inimiga. Através da revolta individual, cada um de nós, em grupos ou sozinho, passo a passo, de ataque em ataque, dará uma nova vida à ideia de revolução com um sentido especificamente anárquico.

- Nós anarquistas historicamente “intervimos no social”, como diríamos hoje, com ideias claras e ações necessariamente violentas em diferentes regiões e contextos. Na história, elas sempre criaram medo, terror e preocupação para as classes privilegiadas e para cada autoridade, governo ou instituição e, também, para todos esses componentes políticos autoritários revolucionários. Hoje, frente ao nível de violência que o capitalismo coloca na guerra permanente e na sociedade tecnoindustrial, a revolta como resposta deveria ser maior do que é. No entanto, se, por um lado, encontrarmos a nível social as lutas cidadãs que já começam com um certo tipo de orientação política e também fora do antagonismo que coloca em prática a recuperação lógica do conflito social (como candidatura política, negociação institucional, institucional a regularização das okupas, derivas autoritárias, greves pacíficas, fornecendo uma boa plataforma na qual o sistema pode encontrar suporte), por outro lado há também um movimento radical de oposição e solidariedade viva, apesar de nos últimos anos ter havido uma diminuição e uma redução no conflito, mesmo pelos anarquistas. O que mais nos preocupa, e o que ninguém está isentando, é a condição de perda e falta de

preparação que volta, apesar dos momentos e oportunidades interessantes em alguns contextos de luta. Expressões, como “intervenção na luta social” ou “luta real”, tornaram-se jogos abrangentes, palavras que às vezes podem justificar uma política secular, alternativa e associativa, entre muitos outros. Na sua leitura, não deveria interessar aos anarquistas e demais revolucionários promover um nível desejável de enfrentamento e conflito com o Estado, contra a propriedade privada, com meios e práticas violentas, em vez de procurar mediadores estratégicos e políticos com a sociedade civil legalista e institucional?

A.C.: Só posso concordar com vocês e responder que *sim* à pergunta. Vou além, dizendo que a primeira parede de contenção ao sistema que encontramos é precisamente essa lógica de recuperação, esses “mediadores políticos e estratégicos”, como vocês os chamam. Aceitar agora mesmo o pensamento de que esse muro está rachando é mais suicida do que nunca e, apesar de tudo, ainda hoje, nesse período de crise sistêmica, muitos “anarquistas e revolucionários” caem na armadilha sem sequer perceber. Toda vez que evitamos confrontos de rua porque um desfile “comunicativo” foi decidido na assembleia, toda vez que durante a greve, alguém se submete a decisões tomadas por representantes da “base”, evitando o choque violento “suicida” com a polícia, toda vez que os grupos se movem em direção à paz para manter seu lar ou centro social ocupado, esse muro é fortalecido. Na base desse reforço está o adiamento contínuo do conflito violento e armado com o sistema. Devemos encontrar coragem para enfrentar a maioria de nossos companheirxs e assumir a responsabilidade de aumentar o nível de

confronto. Somente o ímpeto raivoso da iniciativa individual, que ignora a *racionalidade* das reuniões, pode nos dar essa força, derrotando dúvidas e medos. Mas força e coragem não são suficientes, alguma lucidez também é necessária. Apesar das oportunidades que os tempos nos oferecem, não podemos aproveitar as oportunidades que nos são apresentadas. Nossos esforços devem ser dispersos. Estamos encarregados de qualquer conflito, do choque nas ruas. Em muitos casos, somos nós com nossa decisão e iniciativa para fortalecer os “movimentos”, mas os frutos são coletados por outrxs. Nossa mensagem parece embaçada; não pode ecoar. Cada vez mais nossa ação é tornar esses movimentos visíveis e fortalecê-los, mas e aí? É como se algo estivesse faltando e que, do meu ponto de vista, são as ações armadas que deveriam, de forma clara e pontual, mesmo em diferentes momentos e espaços, ser o próximo passo das várias lutas e assim dar mais espaço à nossa mensagem, à nossa luta nas ruas.

- Em alguns de seus escritos recentes se abre um debate sobre grupos de ação e afinidade, pessoas que agem individualmente, demandas, formas de organização informal entre anarquistas e propaganda por meio de ações diretas. Existem diferentes experiências que são diminuídas até hoje, muitas e heterogêneas, nas diferentes tensões do anarquismo. Não acreditamos que haja, para o anarquismo de ação, uma indisponibilidade ou impossibilidade em comparação com o contexto histórico atual. Anarquistas, de maneiras diferentes e o tempo todo, sempre agiram no “agora e aqui”. Gostaríamos de perguntar, avaliando essas diferentes experiências e maneiras de agir se organizar horizontal e antiautoritariamente:

poderia ser dito que, especialmente na Itália, existe um preconceito ideológico em relação à “organização informal”, “grupos anarquistas”, “reivindicações”? Da mesma forma, o debate geralmente termina em jogos de palavras para seu próprio bem, longe de poder confirmar a validade absoluta ou os achados práticos teóricos sobre “reprodutibilidade, informalidade, anonimato”... estariam as condições no contexto italiano para cálculos de métodos e funções, e o momento numa lógica distorcida de “facções”?

A.C.: O preconceito “ideológico” em relação à organização informal aqui não é novidade. Embora não haja dúvida de que algumas práticas da perspectiva informal são mais aceitáveis para o anarquismo organizado “clássico” do que outros. As ações *pequenas* que podem ser reproduzidas contra as estruturas do domínio não reivindicadas, sem siglas de qualquer tipo, criam menos problemas do que as ações que colocam a vida de homens e mulheres do poder em risco, especialmente se forem assinados com sigla que se transforme em uma prova com o passar do tempo.

Os primeiros argumentos em comparação com os segundos são mais aceitáveis para o “movimento” pela simples razão de que eles dão origem a uma repressão cada vez mais intensa pelo Estado. A rejeição do insurrecionalismo ou de experiências informais como a *FAI-FRI* por parte do anarquismo “clássico” é quase sempre motivado pela rejeição “ética” da violência e especificamente de certas ações – ataques à bomba, incêndios, pacotes-bomba, *gambizzazioni* (N.T.: ataque comum dos grupos revolucionários no terri-

tório dominado pelo Estado italiano, que consiste em atirar no joelho de inimigxs), expropriações. Para quem se considera “revolucionárix”, a hipocrisia de tal motivação é mais do que óbvia. A revolução, com suas trágicas consequências da Guerra Civil, é um dos eventos mais violentos imagináveis e quando falamos sobre o anarquismo social e organizacional “clássico”, falamos sobre compas que nunca questionaram o conceito de revolução enquanto uma ruptura violenta com o sistema.

Para quem não elimina a violência revolucionária de sua paisagem ideológica, a oposição indignada à determinadas práticas possui suas raízes em outros lugares, não na ética, mas no medo. O medo da repressão, o medo de perder esse engano (embora confortável) dx sonhadorx anarquista ingênux, vítima inocente e desamparada do sistema, que da Piazza Fontana em diante muitxs aqui na Itália usaram como escudo contra vicissitudes repressivas. Uma “letra sagrada” em que um certo anarquismo “social”, e também as vezes, o pós-anarquismo, fundou seu “mito” e suas “fortunas”. A luta armada anarquista, por mais minoritária que fosse, questionou esse “mito”, especialmente quando o orgulho é afirmado diante dos juízes. Então devemos nos resignar ao inevitável: o preconceito “ideológico” contra as “novas” formas de luta é da natureza das coisas. Cada nova forma de organização *desorganiza* as realidades preexistentes que têm o mesmo objetivo, movimentando-as e questionando-as.

O nascimento do que vocês chamam de “facções” é o resultado dessa *desordenação*, deste conflito. Nossa história está cheia de lutas internas entre companheirxs que, em teoria (mesmo com práticas diferentes), deveriam estar do mesmo lado. “Insurreciona-

listas”, em sua aparição nos anos 70 e 80, sofreram ataques violentos com queixas difamatórias vergonhosas. Tempo depois, não havia falta de acusações do mesmo teor contra xs companheiros da *Federação Anarquista Informal*. Dito isto, no entanto, deve-se ressaltar que a declaração do “novo” é, quase sempre, acompanhada de gestos de agressão ao “velho” e nós, anarquistas, certamente não somos a exceção. Os ataques verbais axs anarquistas “oficiais” (“anarquistas de salão”, “covardes”, “reformistas”, “burgueses”...) não é nada trágico, é uma dinâmica normal (embora desagradável e contraproducente) dentro do movimento anarquista, transbordando paixões, com crenças em conflito e (deixe-me dizer) que, precisamente por esse motivo, segue sendo vital.

Vocês argumentam que os debates correm o risco de se reduzirem a meros “jogos de palavras para si” e que “reproduzibilidade, informalidade e anonimato” estão longe de serem verdadeiros “achados teórico-práticos”, pois estão na raiz (a priori) de um “lógica de facção distorcida”. Estaria correto se tais práticas nunca tivessem sido testadas na prática, mas, na realidade, uma parte importante do movimento as experimentou há anos em sua própria pele. Estou preso há anos por isso. Para o bem ou para o mal, testei na prática, na realidade, a eficácia e as consequências desses “conceitos”. Desfrutei de vitórias emocionantes e sofri derrotas desconfortáveis.

Quando “sujamos” nossas mãos com a ação, altos e baixos são inevitáveis. Quando enfrentamos certas dinâmicas de conflitos, não podemos ter certeza de nada. Tudo é possível, mesmo as coisas mais inimagináveis podem se materializar como num passe de mágica. A única certeza que temos é a de que apenas nos chocando

concretamente com o poder é que podemos refazer, expandir e melhorar nossa ação e prática, o restante é secundário. *Reprodutibilidade, informalidade e anonimato*, três palavras simples que para mim significam muito mais do que teorias abstratas e inteligentes. Eu sou a tentativa (nem sempre bem-sucedida) de ser consistente e viver minha anarquia aqui, agora.

A *reprodutibilidade* se conecta a uma sensação: a alegria de ver suas próprias práticas (as ações dxs anarquistas) se estendendo por todas as partes é algo surpreendente. Na década de 1980, vi a epidemia de confrontos em todo o país, décadas depois testemunhei, consternado e cheio de entusiasmo, campanhas internacionais e a explosão da *FAI-FRI* em todo o planeta. Experiências anteriores (as vezes muito rápidas), mas que deixam o sinal de uma vida plena, digna de ser vivida, a vida de umx anarquista de ação transbordando de otimismo. Essas são satisfações que são difíceis de entender para aqueles que não as experimentou, mas fáceis de alcançar, basta pular para ao embate e ir da teoria para a ação, para que um novo mundo se abra...

Para mim, *informalidade* é acima de tudo amizade e amor entre companheirxs que compartilham tudo, até decepções (inevitáveis nas relações humanas, por sua natureza volátil). Companheirxs em guerra, unidxs por uma paixão: a destruição do existente que é suficiente por si mesma e que não precisa da restrição de uma organização. Uma vida vivida intensamente, um punhado de companheirxs que fazem da lealdade e do respeito à palavra dada uma força inquebrável, sempre permitindo resistir.

O *anonimato* é liberdade porque nos dá a oportunidade de atacar repetidamente... e apesar disso (especialmente por esse motivo), nos permite continuar agindo mesmo sob a luz do sol, não nos isola do *movimento*, reduzindo em grande parte o o risco de se tornar *ponto de referência*, *lideranças* que impõem sua vontade por uma maior experiência e propensão à ação. Sempre deve-se levar em consideração que a falta de autocríticas aumenta na velocidade da luz. Por causa da experiência curta e limitada que passei, posso dizer que, no anonimato, há uma espécie de “esquizofrenia” saudável. Uma parte de você se comunica com a ação, outra parte de você vive a vida de *movimento*, mas sem a sua atenção. Sua palavra é tão boa quanto a dxs outrxs. Os problemas (pelo menos no meu caso) ocorrem quando o anonimato morre e a necessidade de *clandestinidade* assume o controle. Eu nunca me perguntei seriamente sobre esse problema. Depois que atirei no joelho de Roberto Adinolfi (N.T.: diretor-geral de uma empresa de energia nuclear) eu poderia escapar, tive a oportunidade de fazê-lo, mas o medo de deixar meu afeto e minha vida me bloqueou. Nesse caso, se criam justificativas, se convence de que talvez você não seja presx. Digo isso para deixar evidente que cada umx de nós tem seus limites (grandes, como no meu caso) que valem a pena. O importante é aprender com os erros, não esconder, não ter vergonha deles. É mais importante refletir sobre suas próprias deficiências do que sobre seus pontos fortes, seus sucessos, apenas dessa maneira poderemos melhorar.

Ao longo dos anos, essas três práticas foram testadas e, embora (as vezes) tenham produzido uma “lógica de facções insatisfeitas”, representam a parte mais vital e combativa da anarquia, sua reali-

zação no mundo. Especialmente quando esses debates envolvem companheirxs que praticam a ação, nesse caso eles adquirem um valor realmente diferente. Precisamente por esse motivo, mesmo entre aqueles que praticam a informalidade, os contrastes deixaram de existir, mesmo os mais intensos. Não é de surpreender, especialmente se pensamos que a informalidade pode ser caracterizada por diferentes dinâmicas do ponto de vista “estrutural-organizacional” e do ponto de vista “operacional”. Ao longo dos anos, os maiores conflitos ocorreram por conta das reivindicações das ações e, principalmente, pelo uso de siglas; em segundo lugar, pelo conceito de *espetacularização*, que se refere a certas ações não serem reproduzíveis.

Na verdade, estamos falando de práticas com propósitos diferentes, não apenas aparentes, mas profundamente distintos. Isso implica atitudes opostas e escolhas para o modo de vida, que dão origem a ambos os lados da anarquia de ação atual. Por um lado, a concepção *antissocial e nihilista* de que, com a ação violenta levada às últimas consequências, restaura o “mito” da *anarquia vingadora*. As implicações “sociais” de sua ação existem, mas serão vistas amanhã, quando esse “mito” quebrar os corações dxs oprimidxs.

Por outro lado, há a anarquia “social”, insurrecionalista que, enquanto facilita o crescimento coletivo e quantitativo, está dispostx (estabelecendo objetivos intermediários em lutas específicas) a limitar e calibrar sua violência destrutiva. Para entender melhor, vamos ver quais são essas diferenças especificamente: de um ponto de vista “estrutural-organizacional”, elas são notáveis entre os pequenos *grupos de afinidade* dispersos em todo o território que, desconectados um dos outros, se comunicam através das reivindi-

cações. Promover “campanhas internacionais” e “grupos de afinidade” ligados a uma luta específica na região em que se relacionam com “assembleias abertas” estendidas à população e ao “movimento”. Igualmente radicais são as diferenças no nível “operacional”. Por um lado, ações de violência e forte impacto que buscam a *propaganda pelo fato*, a simples propagação do terror entre as fileiras dos exploradores.

Portanto, uma ação que não precisa se comprometer em mediar o existente, pois não aponta para uma luta intermediária. Seu único propósito (além do prazer puro, benéfico e agradável da destruição) é regenerar a todo custo o “mito” de *anarquia vingadora*, do “sol do futuro”, da “revolução anarquista”. Através da *propaganda pelo fato*, revive esse “mito” recuperando essa credibilidade entre xs exploradxs que perdemos há tempo. *Credibilidade* que obteremos com ações que não estabelecerão nenhum limite, porque terão um único objetivo, profundamente ético para atingir os exploradores com força. Então, uma prática que atrai o lado *nihilista*, o lado “sombrio” da anarquia, vingança, ódio, violência e uma forte irracionalidade ditada pelo “louco” e valente desejo de liberdade, na minha opinião, x mais animadx otimista de nossa anarquia, que nos levará à revolução.

Por outro lado, o insurrecionalismo (anarquismo social)¹ com seu vínculo com o território, com suas ações que se opõem a que reformistas e gradualistas tomam todo tipo de direção. Ações que visam a concreção imediata de uma luta específica, que deve levar em consideração as assembleias populares e se relacionar com as pessoas. Às vezes, forçando nossas intervenções a não correr o risco de ser isolada, de ser expulsada dos “jogos”. Ações mediadas pelo contexto social que nos rodeia. A característica desse tipo de ação é buscar objetivos que envolvam a vida concreta das pessoas, juntando-se firmemente à realidade dos resultados imediatos, embora parciais, que têm a vantagem de fazer as pessoas entenderem o verdadeiro potencial da ação direta, de negar a delegação.

Ambas as práticas são caracterizadas por um grande salto qualitativo, que, na minha opinião, não pode ser ignorado, o que a coloca acima de todas as outras práticas anarquistas: ação destrutiva, ação armada, o questionamento do monopólio do Estado sobre a violência. Só podemos começar com isso para colocar o mundo de cabeça para baixo, revolucioná-lo, pois a semente futura já vive em conflito e da maneira que temos de organizá-la. Somente em um contexto de luta, conflito, podemos imediata-

1 N.T.: Quando Cospito utiliza o termo “insurrecionalismo” junto com “anarquia social” ele o faz para se referir às forças que buscam estimular a insurreição nas “lutas sociais” para além de grupos minoritários. Nos parece que o uso dos termos é feito de modo diferente da concepção que se tem no território dominado pelo Estado brasileiro de que a perspectiva insurrecional se limitaria aos grupos de afinidade e o “anarquismo social” estaria mais vinculado às “lutas de base”, numa falsa oposição aos levantes que utilizam da violência revolucionária. Parte-se do entendimento de que o anarquismo é, ou ao menos assim deveria ser, em si mesmo insurrecional.

mente saborear a pureza de relacionamentos livres, amor, vida, solidariedade revolucionária. O resto está em perigo, vida tranquila, alienação, uma longa projeção.

A anarquia não vive no que dizemos ou escrevemos, mas no que fazemos. Gostaria de dar por certo que aqueles que falam sobre certas práticas já as experimentaram em sua própria pele, mas infelizmente esse nem sempre é o caso. Portanto (na minha opinião), devemos prestar mais atenção aos textos e reflexões que encontramos nas reivindicações. Nesses casos, não podemos estar errados, quem os escreveu agiu colocando sua vida em jogo. Pela força das coisas, suas palavras têm uma materialidade, uma concreção, um peso maior, sabemos com certeza que quem as escreveu tomou ações colocando sua existência em risco. A força da comunicação através de atos está precisamente nisso. Alguns grupos fazem declarações inúteis, textos cheios de demagogia, sim, pode ser, mas pelo menos neles (não importa quão “demagógico” pareça), temos certeza de que as palavras carregam o “fardo” da vida viva e agitada. Isso falta em muitos textos cheios de literatura “esplêndida”, mas efêmera, porque eles não têm vínculo real, são separados da luta, estão longe da vida.

- Após alguns anos preso, você tomou uma posição “contra a revolução”. Uma posição que, imaginamos, você tomou na prisão, pois a reivindicação do núcleo Olga/FAI-FRI termina com uma declaração de amor pela revolução social. Nos parece que entendemos perfeitamente sua posição, ou seja, a provocação “contra a espera da revolução”, ou seja, não adiar a ação para melhores

tempos, quando haveria condições objetivas. Enquanto permaneça como uma provocação, ela continua fazendo sentido. O paradoxo dialético: xs revolucionárixs de hoje são reformistas. É eficaz. Mas deixa de ser verdade se o uso paradoxal da expressão for abandonado. Vamos tentar explicar isso. É eficaz contra o “anarquismo social”; social, mas não classista, que “faz frente” à burguesia para ter êxito em objetivos específicos (não realizar um trabalho, defender direitos, entre outros), permanecendo à espera de que as condições melhorem para a revolução. Um pouco como o que foi dito na época da guerra na Espanha em 1936: vencer a guerra primeiro e depois fazer a revolução. Portanto, é eficaz contra o frontismo que busca a revolução, mas apenas após resolver problemas mais urgentes. Porém, resolver o que se de fato são feitas alianças com os sujeitos que a revolução deve destruir? Então perguntamos: não é como dar a bola do jogo ao inimigo? O que mais você deve esperar para a revolução? O capitalismo não destruiu nosso planeta o suficiente? Você não sente o peso de gerações e gerações de exploração?

Em vez de dizer que a revolução acabou, seria melhor defender a necessidade da revolução aqui e agora, contra quem quer reagir em um futuro distante para não perturbar o sonho pacífico, por exemplo, do dono de um vinhedo que não quer afetar o trabalho em seu campo, onde ele pode continuar explorando xs migrantes como escravxs, mas teme a revolução e não qualquer outra coisa, já que levaríamos, comodizem, a casa e a vinha. Desta vez, seremos durxs: o risco, quando se diz que a revolução acabou, é que existem companheirxs tão torpes – e como existem – que não entendem isso como uma provocação e realmente acreditam!

Portanto, suas intervenções contra a revolução podem empurrar xs companheirxs não a agir no aqui e agora, mas a absolutamente não agir. As pessoas rebeldes necessitam de um sonho; pelo que ir para a prisão ou ser assassinada. Além disso, hoje, enfrentar a revolução não é algo tão original. Francis Fukuyama começou em 1992 com seu ensaio “O fim da história”. De acordo com o filósofo do regime americano, tudo acabou: a democracia, o capitalismo e o Estado Liberal haviam vencido para sempre. O eterno pesadelo do eterno presente. Um paradigma filosófico-social que a sociedade reificou de várias maneiras: da TV ao consumismo na web, os objetos de consumo estão mudando muito rapidamente, mas, ao mesmo tempo, parece estarmos vivendo na mesma época há trinta anos. E já que xs anarquistas, mesmo quem se professa mais anti-social, vivem nessa sociedade e absorvem seus vícios e ideias, aqui muitxs anarquistas começaram a pensar exatamente como o sistema queria: dos artigos da “A-rivista anarchica” e da “Umanità Nova” que pontificam o final da revolução social violenta, que deveria ser substituída pelo anarquismo como uma ideia cultural, kantiana e normativa... até companheirxs que antes lutaram hoje e hoje estão deprimidxs, pois, às vezes, a ausência de perspectiva revolucionária também significa ausência de imaginação. Invento uma série de ações também porque existe um projeto que estimula minha mente... Não te parece um erro ter entrado nesse tema, ainda que com uma ambição completamente diferente?

A.C.: Para justificar minha “renúncia” à “revolução” eu poderia citar Albert Camus: “Como não vivemos mais nos tempos da revolução, aprendemos a viver pelo menos o tempo da revolta”. Na ver-

dade, eu concordo com ele somente em um ponto: hoje certamente não vivemos o tempo da *revolução*, mas da *revolta*. Porém, quero que fique claro que minha escolha para a *revolta* não é um recuo nem um convite para se contentar com metade de uma medida em um período de escassez. Estou convencido de que não há *revolução* sem uma sequência de inúmeros distúrbios que a precedem e a preparam. Essas revoltas nos permitem viver, imediatamente e plenamente, o prazer de nossa anarquia (nascemos para isso, é a nossa natureza) e nos abrimos para o mundo ao criar revolta após revolta, ação após ação, o “mito” de que “o sol deve tomar seu lugar”, construindo tijolo por tijolo nossa credibilidade frente aos oprimidos sem a qual nunca pode haver uma “revolução” digna dessa pessoa. Nosso papel hoje só pode ser o seguinte: ataque, ataque e ataque novamente... forjando com sangue, suor e imenso prazer o “mito” da “anarquia vingadora”.

Uma revolução anarquista é possível. Nós apenas temos de encontrar coragem e força para apoiar uma perspectiva tão imaginativa e utópica que não tem nada “ideológico” e “autoritário” precisamente porque é intrinsecamente imaginativo e utópico. Na reivindicação do *Núcleo Olga*, esse otimismo aparece com todas as evidências, trazendo uma declaração de amor desapaixonada à “revolução social”. Naquela época, era (e ainda é, mas hoje eu faço isso de uma maneira mais complexa) importante para relançar a ação de uma mudança e um investimento geral das coisas do mundo (Revolução Social). Dado que, em sua pergunta, é mencionada a reivindicação do tiro contra Adinolfi, deixe-me dizer que, de qualquer forma, a escrita tinha grandes limites. Estava totalmente voltada para si mesma (dirigida quase exclusivamente ao

movimento anarquista), o problema nuclear foi abordado superficialmente e a questão da tecnologia, da “mega-máquina” (agora central para mim) nem sequer foi tocada. As críticas feitas por companheirxs de que foi essencialmente uma sequência de acusações contra os componentes do movimento continham verdades. O que eu tento dizer é que, com o tempo, a análise evolui, o importante é não se render, não se calar e, sobretudo, nunca ceder ao poder, o que no meu caso significa não me render (numa situação em que eu se quer estou, teoricamente) no confronto violento com o sistema, na luta armada, custe o que custar.

Se manter x mesmxx nem sempre é uma qualidade, às vezes equivalente a uma derrota, isso nos torna previsíveis, alguns casos “folclóricos”. A coerência não deve significar viajar e sempre seguir o mesmo caminho. A estagnação da estratégia de alguém é realmente suicídio e não contribui com nada de novo para a luta. Estar preso em uma cela não deve me impedir de crescer e procurar novos caminhos. Para ter força de se lançar, é preciso manter firmemente a críticas e a ironia em relação a você e ao mundo. Auto-crítica e ironia: dois anticorpos essenciais para não nos transformarmos em fãs, trombones de uma ideologia. Portanto, não deve se surpreender se hoje eu contradigo o que afirmei no passado, quando questioneei a credibilidade do termo “revolução” em nossas bocas, que vem argumentar, como eu disse nesta entrevista, que “revolução” soa como uma palavra vazia e, portanto, “inimiga”.

Esse tipo de “traição” é certamente uma provocação (como você diz), mas implica uma *crítica* substancial ligada à minha tentativa de análise da realidade que tem seus grandes limites, mas que tem um sentido tangível na prática. Quase todxs xs anarquistas enchem

a boca para falar de *revolução*, não poucos agem consequentemente atingindo estruturas de poder. Por sua vez, muito poucos vão mais além e atingem homens e mulheres das hierarquias da dominação, mas também nesses casos o som da palavra continua a chiar com a realidade, soando falso, fora do lugar.

Se queremos ser honestos, temos que dizer, mesmo quando participamos de levantes e insurreições em países distantes, dando nossa contribuição generosa, sabemos bem que, mesmo quando a causa pela qual estamos lutando seja muito justa, nunca levará a uma revolução anarquista. Estamos convencidos de que sempre devemos nos comprometer com a *realidade*, tão convencidos de que não é mais a realidade que nos transforma, somos nós que corremos para nos adaptar e, assim, renunciamos à nossa ideia de liberdade extrema em vista de uma *realidade* possível, algo concreto.

Dessa maneira, manchamos, diluímos, perdemos nossa carga utópica, renunciamos à “revolução anarquista”, uma perspectiva para nós agora “fora deste mundo”, “anacrônica”, impossível de alcançar. Não acreditamos mais nisso, essa é a verdade, no fundo de nossos corações, dia após dia, ano após ano. O realismo minou nossas certezas, cavando um buraco quase intransitável. Felizmente, o mencionado Fukuyama estava errado, os combates não terminaram, a história não chegou ao fim. A história humana (pelo menos até agora) sempre foi caracterizada por saltos para a frente, momentos históricos em que a ruptura “revolucionária” é inevitável, pois é inexorável. O mundo ao nosso redor muda cada vez mais rápido, mas a tecnologia que se torna louca ainda não conse-

guiu afetar significativamente nossa humanidade, nossos instintos, nossa “alma”.

Todavia, como dissemos, as apostas aumentaram, agora elas estão jogando a própria sobrevivência da humanidade e da vida deste planeta. A única possibilidade concreta que temos para reverter essa tendência é a revolta anarquista com toda a sua carga disruptiva de sentimentos, paixões, irracionalidade, ódio de classe, instintos antitecnológicos contra o chamado “progresso científico”. Não será racionalidade, moderação e equilíbrio que nos salvará, mas a irracionalidade das paixões, sentimentos, ódio, amor, raiva, vingança. Não é hora de construir uma nova sociedade, mas de destruir a existente. É o momento da revolta, do “fascínio” do “mito” da revolução anarquista. Então a *revolução* será construída, mas isso não deve nos preocupar, pois não há revolução em andamento.

É por isso que hoje a revolução anarquista parece anacrônica, um conceito fora deste mundo. Esse conceito pode recuperar um significado, sua concretude, sua realidade somente se for acompanhado pela revolta, pela violência. A revolta se efetiva com o *pathos* (sentimentos, paixões, fascínio) e com a *práxis* (ação destrutiva, propaganda pelo fato, violência). A revolução é um conceito completo e complexo, também precisa de *ethos* (valores) e *logos* (estratégia, racionalidade). Com *ethos* e *logos*, os “mitos” não são construídos, eles não causam as revoluções². E as revoluções

2 Nota de Cospito: Minhas reflexões sobre *ethos*, *pathos*, *práxis* e *logos* foram inspiradas por Amedeo Bertolo em “Pensamento e ação”. Anarquismo como *logos*, *práxis*, *ethos* e *pathos*. Espero que ninguém tenha uma visão equivocada da distância abismal entre meu terrorismo anarquista

chegam apenas quando as revoltas abrirem uma lacuna no coração das pessoas oprimidas, excluídas. Tudo tem seu momento, toda ação é a filha de seu tempo. A revolução anarquista é a filha das revoltas anarquistas, a filha de nossa violência revolucionária. Portanto, não estamos vivendo em um período de crise da anarquia, mas de regeneração.

A *revolta* e a *revolução* estão unidas por dois fios, embora interdependentes, interconectados, sempre em harmonia. E digo mais: a revolução não deve se tornar um *status quo*, deve ser um tipo de revolta permanente, de experimentação contínua e *infinita*. O “mito” é a invenção que resulta na *revolução*. Afinal, “história” e “mito” têm o mesmo propósito: “pintar o homem eterno sob o homem do momento”. Mulheres e homens em revolta, destruidorxs e criadorxs de novas sociedades, novos mundos.

e sua anarquia criadora. A beleza da anarquia radica precisamente no fato de que, no curso das experimentações de novos caminhos, as vezes os próprios opostos se tocam. Bertolo estava buscando o “equilíbrio correto” entre as forças, queio que somente da colisão delas pode surgir o novo, pois a vida é um contraste: racional e irracional, ódio e amor, qualquer coisa menos que isso é um equilíbrio mortal e estático. A harmonia é filha do “desequilíbrio”, do caos.

- Também discutindo algumas ideias e concepções anarquistas, como as que refletimos nesta entrevista, nessa conversa. Agora nossos pensamentos também desembocam nesses meios, nestas publicações, que permitem a discussão das ideias e práticas do anarquismo, além de permitir a propaganda ou disseminação dela. Claramente, existem diferenças substanciais entre a propaganda e a disseminação de ideias anarquistas. A mera difusão parece deixar uma sensação de indeterminação. Então nos perguntamos: que significado pode ter hoje, em um mundo onde qualquer pessoa é convidada a espalhar seu lixo intelectual e suavizar suas ideias anarquistas com sua cultura, com suas próprias opiniões e considerações? Por outro lado, com relação ao termo e ao conceito de propaganda, parece-nos que, em contextos anarquistas, ele adquiriu um valor quase negativo. Parece que a propagação de ideias anarquistas é um fato malicioso, pois isso corresponderia a uma tentativa de convencer ou persuadir as pessoas (“e então a propaganda se torna poder”). Não pensamos dessa maneira. Queremos dar ao termo esse valor mais profundo que combina a possibilidade de tornar conhecidas as ideias a serem capazes de alcançar possíveis cúmplices para uma agitação constante destinada a manter o pensamento anarquista em tumulto, também nessa expressão de conflito contra o poder nunca se separada da ação.

A propaganda anarquista é algo de outra época se tivermos em vista a outra, a “propaganda pelo fato”. Também sabemos que, dependendo do tempo, os termos podem ter significados e sentidos muito diferentes, mas não queremos dar muitas voltas às palavras. Em suma, o que a propaganda anarquista significa para você hoje? E então, outra pedra: na era da internet, dos sites e blogs, até xs anar-

quistas têm se “aventurado” (por assim dizer) nas redes; isso teve várias consequências negativas, em nossa opinião. Entre eles, o desaparecimento quase completo das publicações impressas e a dependência total de ferramentas telemáticas para acessar uma miríade de notícias e fatos diferentes, inerentes ao movimento anarquista. Além disso, o uso da internet levou a uma internacionalização maior de alguns aspectos da comunicação entre anarquistas, além de ditar uma nova velocidade na própria comunicação. Há quem pense que é possível usar essas ferramentas sem comprometer indevidamente as palavras e o significado do que dizemos; e também quem escreve que essas são ferramentas e realizações tecnológicas são fruto do poder. Ainda há um discurso pesado sob o qual há muito o que dizer. O que você pensa sobre isso?

A.C.: *A difusão de ideias e a propaganda, o pensamento e a ação, são o coração da coerência anarquista, da ação anarquista, que devem sempre coexistir. Disseminação de ideias: o debate entre anarquistas, o aprofundamento e a evolução de nossa análise, de nosso pensamento. Propaganda: abertura para o mundo através de atos, ações, demonstrações, confrontos de rua, ações destrutivas que falam com todxs. O poder em um Estado democrata busca neutralizar a “propaganda” quando as ações são realizadas e também quando anarquistas, por meio de sites e jornais, incitam novas ações. Isso é indicativo do que o poder teme, teme nossas palavras quando elas claramente fazem “propaganda”, teme o pensamento que impulsiona a ação, o pensamento que se torna ação. Então, quando a disseminação de ideias é levada a cabo através da*

propaganda pelo fato, só resta aos Estados desistir e perder poder ou reagir e reprimir com violência.

A disseminação de nosso pensamento iconoclasta combinado com nossa ação corre o risco de se tornar mortal para qualquer poder, democrático ou ditatorial, pois não contempla a construção de um novo Estado, de um “contrapoder”. Por esse motivo, a repressão é desencadeada, mesmo com antecedência, contra a simples propaganda das ações, realizada em nossos escritos.

Se diz que ideias e intuições são forjadas apenas nas ações, mas as reflexões que as determinam devem ter sua propriedade de observar o efeito que as ações têm na realidade. Aquelxs que afirmam que “propaganda” tem um nome ruim, pois é um “instrumento político” estão certxs, mas nós a vinculamos à ação, adquirimos ética, força e beleza. Devemos ser pragmáticxs quando escolhemos um “instrumento”, jamais usá-lo sem levar em conta sua utilidade.

Os tempos mudam e, junto com ele, a parafernália disponível para nós; devemos nos atualizar, nossa imprensa (jornais, revistas) são ferramentas insuficientes para se comunicar com as “massas”, milhões de oprimidxs. A “imprensa” encontra seu significado quase exclusivamente como um “local físico” de debate, evolução de nossas ideias e comunicação entre nós. Hoje, nunca vou me cansar de dizer, a única maneira de atingir um número significativo de excluídxs é através da ação “exemplar”, a ação destrutiva. Reivindicações, pequenos grupos de companheirxs que praticam a luta armada, companheirxs que saem produzindo enfrentamentos,

apenas dessa maneira podemos atravessar a cortina do silêncio que os Estados levantam em torno de seu domínio.

Isso nem sempre foi assim, em um passado distante, nossa imprensa teve uma certa influência nas “massas”, basta pensar nas dezenas de milhares de cópias impressas, na década de 1920, do jornal *Umanità Nova*, de Malatesta. A última tentativa generosa de construir algo assim (pelo menos aqui na Itália) ocorreu nos anos 90, quando a parte mais combativa do movimento anarquista tentou fundar um jornal, uma tentativa que falhou após a repressão e o imenso trabalho que teria servido para arrecadar fundos, energia e habilidades.

É visível que, do ponto de vista “cultural”, pelo menos a partir de 1968, a influência do pensamento anarquista e libertário sempre foi forte no campo da arte, da sociologia, da antropologia... porém essa é outra história sobre o papel impresso, mas também o tipo de anarquismo que, em vez de lutar e destruir o poder, tenta limitá-lo, colocando remendos, melhorando as coisas. Não digo isso com desprezo, é simplesmente uma anarquia que não sinto como sendo “minha”.

Vocês me perguntam se a tecnologia que usamos para comunicar “compromete”, distorce em profundidade, o que queremos dizer. O dilema dessa pergunta é vital e acho que há algo real nisso. O risco é realmente muito alto, mas se queremos ser incisivos e eficazes em nossa ação, não podemos evitar sujar nossas mãos com a tecnologia e, portanto, com algo realmente tóxico e perigoso. Somente para entrar no concreto, da mesma maneira que “sujo” minhas mãos com uma arma, um “instrumento da morte”, para

realizar a ação contra Adinolfi, eu tive que identificar anteriormente o objetivo, a direção... com a internet, eu tive de me comprometer com a tecnologia. Isso sem mencionar a “necessidade” que às vezes sentimos de nos comunicar com o maior número de companheirxs espalhadx por todo o mundo, nossas reflexões, as motivações de nossas ações, as ondas repressivas que nos atingem.

O uso de uma arma simples é muito menos tóxico que o uso da web, inclui menos riscos porque está ligada ao concreto, à materialidade. Obviamente, mesmo nesse caso, existem inconvenientes, corremos o risco de ficarmos “fascinadx”, condicionadx pelo objeto, pelo instrumento, de deixar-nos levar pela “violência”, de ceder a desvios eficientes e especializados, “militaristas”, mas não é nada comparado ao risco que corremos usando a tecnologia, mesmo que apenas em termos de comunicação. Com a web e todos os seus derivados tecnológicos, corremos o risco de nos separarmos completamente da realidade, nos tornando extras em um videogame e acabando por “viver” em um mundo virtual feito de conversas “subversivas” que nos dão a ilusão de estarmos fazendo, agindo, mas isso realmente nos neutraliza ao nos jogar nos braços do “poder”, que lentamente (sem sequer perceber) nos envolve, queimando nossa vida, nosso tempo, não muito diferente do que acontece com umx prisioneirx trancadx em uma cela.

Quantxs companheirxs esgotam sua “revolta” na frente de um teclado? Ao fazer isso, a alienação e a insatisfação se alimentam mutuamente quando encontram uma saída na agressão das pessoas mais próximas a nós. As acusações de inconsistência, se não pior, “caem como uma luva”, e o que é realmente triste é que, para muitxs, é a única maneira de se sentir “revolucionárix”. Bar-

lhentas incitações à ação de uma radicalidade excepcional, mas nunca seguida por atos, ficando apenas nas palavras, porque tudo é inconsistente e fictício, tanto é assim que temos a desculpa: “A coerência não é deste mundo”. Isso significa que o discurso sobre a “pureza” do meio usado, se não for tratado na prática, corre o risco de parecer os discursos teológicos que os pais da igreja tinham sobre o sexo dos anjos: uma piada, algo sem nenhuma conexão com a vida real.

Portanto, é necessário fazer um esforço adicional e entrar especificamente, por exemplo, no fato de que, sem a internet, a experiência *FAI-FRI* de luta armada (por mais limitada que seja no tempo) nunca poderia ter se espalhado por todo o mundo. Cada ação foi seguida de outra em resposta, em algum canto do planeta, isso sem coordenação e organização estruturada. Nesse caso, a internet permitiu excluir mecanismos autoritários que evitam, graças ao anonimato e ao não conhecimento entre os vários grupos de ação e pessoas, o nascimento de líderes e hierarquias. Em uma dinâmica (sem uma estrutura organizacional), a web se torna importante porque é orgânico e estrutural para a mesma ação, não é de nenhuma maneira uma “caixa de ressonância”, “coluna vertebral”, pois se a comunicação se rompe “a conversa está paralisada”. Receber notícias (reivindicações) de anarquistas dos países em revolta permite agir com mais eficácia, imediatamente, golpeando em apoio desde nossas próprias regiões, facilitando a internacionalização das lutas.

Hoje, não podemos nos limitar a ignorar as informações fictícias e distorcidas do poder, fazendo *contrainformação*. Devemos ir mais longe... e aqui voltamos ao título desta entrevista: “Qual Inter-

nacional?”. Como podemos harmonizar nossas forças e construir a Internacional que precisamos (como mencionado várias vezes)? A circulação de notícias seguidas de campanhas de ação internacional é um primeiro passo, difícil de alcançar sem comunicação através da internet. Não é de surpreender que, quando uma insurgência está ameaçada em um país, o poder censura imediatamente e fecha a rede. O confronto, a revolta se desenvolve naturalmente na rua, entre o povo, é a guerra de guerrilheirxs realizada por “pessoas” em armas.

A “contrainformação” não é suficiente, isso se torna revolucionário quando alimenta a ação, quando se converte em uma ferramenta para centros de ação que lhes permite harmonizar seus ataques e desencadear a insurreição generalizada. Somente agindo dessa maneira podemos delinear uma *Internacional anarquista*. Quanto mais simples for sua dinâmica operacional, mais eficaz será sua ação e maior a probabilidade de termos um impacto real em nossas vidas. Uma ferramenta elementar, adaptável à realidade, em evolução constante, acho que devemos nos concentrar nesse objetivo. A *FAI-FRI* foi uma das tentativas de fazer um “projeto”, uma tentativa nascida da crise deste mundo, espontaneamente e naturalmente sem líderes e teóricxs, da vontade e ação de centenas de anarquistas do mundo. Acredito firmemente que um dia surgirá uma *Internacional Negra*, como se por mágica, das cinzas das muitas derrotas que sofremos como anarquistas no decorrer da história, e neste dia emergirá um oximoro, uma organização sem organização, e será maravilhoso...

**ATÉ DESTRUIR
O ÚLTIMO PILAR DA
SOCIEDADE CARCERÁRIA!**

**MORTE AO ESTADO,
QUE VIVA A ANARQUIA!**

